

Palmeira afasta assessor que admitiu suborno

■ Carlos Abraão, alvo das denúncias que levaram o senador à renúncia, confessou que recebia dinheiro para financiar campanhas

DORA KRAMER

BRASÍLIA
— O assessor
Carlos
Abraão

Moura, alvo das denúncias de favorecimento à construtora Sérvia que terminaram por provocar a renúncia de Guilherme Palmeira como candidato a vice na chapa de Fernando Henrique, confessou ao senador que recebeu dinheiro da empresa para financiar as campanhas de vários prefeitos e vereadores alagoanos em 1992.

Segundo Palmeira — que determinou o afastamento de Abraão de seu gabinete, onde trabalhava como funcionário cedido pelo Tribunal de Contas de Alagoas —, o assessor admitiu que, na eleição municipal financiou candidatos com dinheiro da Sérvia, em troca de apoio para sua campanha a deputado estadual este ano.

Financiadora — A Sérvia, empresa com ligações estreitas com os grupos de Fernando Collor e do governador Geraldo Bulhões e grandes interesses em Alagoas, é tida como contumaz financiadora de campanhas no estado. Com isso, consegue que os parlamentares defendam seus interesses junto aos governos federal, estadual e municipal. Um caso é público. Em 90, financiou, entre outros, o candidato a deputado federal Antônio Holanda que, apesar de ser do grupo de Collor, não obteve recursos via o esquema PC: este não queria financiar quem disputava votos para a Câmara dos Deputados com seu irmão Augusto.

“Ele não me disse quanto recebeu nem eu perguntei, uma vez que o valor não é o principal, e sim o ato de receber o dinheiro”, afirmou Guilherme Palmeira, particularmente aborrecido com o fato de Abraão nunca lhe ter dito que mantinha este tipo de vínculo com a Sérvia. “Eu sabia apenas que ele era amigo dos diretores da empresa.”

O senador — que resolveu se isolar por um período de 15 dias após o qual deverá reaparecer e fazer um pronunciamento no Senado — assegura que jamais Abraão lhe apresentou qualquer emenda para assinar. Admite, no entanto, ser autor de uma emenda para a estrada que liga União dos Palmares a Santana do Mundaú, no norte de Alagoas, construída pela Sérvia. “Apresentei, não atendendo à solicitação de nenhu-



Palmeira: “Eu não tinha direito de prejudicar Fernando Henrique”

ma empreiteira, mas à reivindicação das lideranças políticas como faz todo parlamentar.”

Deslize — Palmeira diz que trabalhava com Carlos Abraão há muitos anos e nunca desconfiou que o assessor pudesse estar envolvido em irregularidades. Tanto que a demora em adotar qualquer atitude contra ele — veementemente cobrada pelas lideranças do PFL e do PSDB — aconteceu porque imaginava que as denúncias fossem fruto de uma “armação” política para atingi-lo, sem bases concretas. Até sábado passado, quando Abraão confessou o deslize.

Palmeira evita fazer acusações mais contundentes contra o ex-assessor, mas amigos íntimos do senador revelam que uma investigação mais acurada nas contas de Abraão fará surgir os depósitos da construtora. Por isso, o senador decidiu contratar uma empre-

sa particular para fazer uma auditoria em suas contas. A previsão é que os cheques de Abraão venham a público e com eles voltes as acusações contra Palmeira.

“Se eu antes disso puder mostrar que não há um centavo sequer nas minhas contas, mostro que as acusações que procuram me envolver são falsas e dizem respeito a outra pessoa, não a mim”, acredita Palmeira. O senador pretende apresentar o resultado da auditoria no horário gratuito. Não fez o mesmo mantendo-se na chapa PSDB-PFL por uma questão de tempo. Se continuasse como vice, durante as investigações, ele continuaria alvo de manchetes de jornal. “O desgaste seria muito maior. Dei minha contribuição, poderia dar muito mais, mas não tinha o direito de prejudicar Fernando Henrique.”

Carta explica renúncia

Na carta de renúncia entregue na noite de terça-feira ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen, o senador Guilherme Palmeira aproveitou para mandar um aviso a seus adversários. “Aos que esperavam que eu pudesse permitir que minha presença na chapa vitoriosa criasse qualquer tipo de constrangimento ao candidato

Fernando Henrique, estavam enganados”, escreveu Palmeira, ressaltando que sua renúncia era “irrevogável e irretirável”.

Bornhausen fez a leitura pública da carta ontem em seu gabinete no Senado. Palmeira acusou o PT de ter usado as denúncias numa “ação política compensatória” ao “drama político” que

resultou na saída do senador José Paulo Bisol (PSB-RS) da chapa de Luiz Inácio Lula da Silva. Afirmou que as denúncias responsabilizavam apenas seu ex-assessor Carlos Abraão de Moura, citado como elo de ligação entre ele e a empreiteira Sérvia, supostamente beneficiada com emendas ao orçamento da União.

Depois de 30 horas, o alívio

■ Tucanos não se opuseram ao nome de Maciel

CARMEM KOZAK E ILIMAR FRANCO

Depois de se isolarem por quase 30 horas, até a madrugada de terça-feira, as cúpulas do PFL e do PSDB se sentiram aliviadas no final da tarde de ontem. Não houve reações contrárias em setores do PSDB que preferiam a indicação do deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), do deputado Gustavo Krause (PFL-PE) ou do ex-governador

de Santa Catarina Vilson Kleinubing para vice na chapa de Fernando Henrique.

Embora o PFL já tivesse chegado à reunião decidido a indicar Marco Maciel, o presidente do partido, Jorge Bornhausen, disse a Fernando Henrique que havia interesse em escolher um nome afinado com o candidato. Cardoso apontou Maciel, Krause, Luís Eduardo e Kleinubing. Foi então que os pefelistas se reuniram em um canto. “O muro, agora, está com vocês”, divertiu-se o tucano Pimenta da Veiga.

O primeiro nome apresentado foi o de Luís Eduardo e coube a

Maciel fazer os “apelos” para que ele aceitasse. “Quem não aceitou ser o vice quando a candidatura tinha 16% nas pesquisas não pode aceitar quando tem 30%”, argumentou Luís Eduardo.

O nome do novo vice surgiu em seguida. Dizendo que Maciel “é um nome nacional”, Bornhausen pediu para que ele assumisse a vice. O senador não vacilou além do necessário e aceitou.

Neste ponto, por volta das 23h, Krause e Kleinubing já haviam sido descartados. Krause é candidato ao governo de Pernambuco e pode enfrentar o favoritismo de Miguel Arraes (PSB).

Sarney articula apoio do PMDB

O ex-presidente José Sarney está articulando o apoio em bloco do PMDB à candidatura Fernando Henrique Cardoso. As negociações estão avançadas e devem chegar a um consenso na sexta-feira, caso o Superior Tribunal de Justiça acate denúncia contra o candidato do partido, Orestes Quêrcia. O governador Luís Antonio Fleury e o líder do governo, senador Pedro Simon (PMDB-RS), foram algumas das lideranças do partido consultadas ontem sobre o apoio a Fernando Henrique.

A intenção do ex-presidente, revelou um de seus interlocutores, é transformar a adesão da maioria dos peemedebistas a Fernando Henrique num ato de grande peso político. O objetivo inicial das conversas visava este apoio para o segundo turno mas, diante do esvaziamento crescente da candidatura Quêrcia, o plano foi antecipado. “É natural que aqueles que já se definiram pelo Fernando Henrique no segundo turno, antecipem este apoio já para o primeiro”, afirmou Pedro Simon.

A avaliação que vem sendo feita pelas lideranças pró-Fernando Henrique é de que o PMDB não terá problemas para apoiar o tucano. “O único lugar em que não existe esta possibilidade é o Ceará”, comentou Simon. Adversários de Quêrcia dentro do PMDB e aliados aos tucanos no plano regional, os candidatos do partido aos governos do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul já estão em campanha em favor de Cardoso.